

# CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM MAFALDA: UMA ABORDAGEM DIALÓGICA-TEXTUAL

Taila Jesus da Silva Oliveira

*Mestranda (Programa de Pós Graduação em Língua e Cultura, UFBA) / E-mail: tai.jds@hotmail.com*

Lícia Maria Bahia Heine

*Professora Titular (Departamento de Letras Vernáculas, UFBA)*

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar a construção de sentidos em duas tiras de Mafalda do autor argentino Joaquín Lavado (Quino). Para alcançar esse fim, este estudo se alicerça nas relações dialógicas para a compreensão textual. Diante disso, a investigação se alinha às propostas da Linguística Textual sobre compreensão, apoiadas em Koch (2015, 2018) e Marcuschi (2008); na concepção de dialogismo de Bakhtin; Volochinov (2006) e de gêneros discursivos de Bakhtin (1997). O diálogo estabelecido entre aspectos do dialogismo e a compreensão mostrou-se profícuo, pois na análise foi possível observar que os sentidos se constroem não somente tendo em vista aspectos da materialidade linguística ou presentes na bagagem cognitiva,

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to analyze the construction of meanings in two Mafalda's comic strips by the Argentine author Joaquín Lavado (Quino). To achieve this goal, this study is based on dialogical relationships for textual understanding. Therefore, the investigation aligns with the proposals of Textual Linguistics about comprehension, supported by Koch (2015, 2018) and Marcuschi (2008); in Bakhtin's conception of dialogism; Volochinov (2006) and Bakhtin's (1997) discursive genres. The dialogue established between aspects of dialogism and understanding proved to be productive, since, in the analysis, it was possible to observe that the meanings are constructed not only in a view of aspects of

---

mas também por meio dos aspectos sócio-histórico-ideológicos e, consequentemente, das relações dialógicas, que mobilizam vozes sociais diversas e possibilitam uma análise dos embates ideológicos construídos nos enunciados proferidos por Mafalda e sua turma.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tiras; Construção de sentidos; Linguística Textual; Dialogismo; Mafalda

---

---

linguistic materiality or present in the cognitive baggage, but also through the social-historical-ideological aspects and, consequently, of dialogical relations, which mobilize diverse social voices and enable an analysis of the ideological clash built through the utterances uttered by Mafalda and her group.

**KEYWORDS:** Strips; Construction of meanings; Textual Linguistics; Dialogism; Mafalda.

---

## INTRODUÇÃO

Este trabalho está ancorado em um campo interdisciplinar por estabelecer relações entre a Linguística Textual (doravante, LT) e aspectos da concepção de linguagem para o Círculo de Bakhtin<sup>1</sup>, visto sob a ótica do dialogismo. O objetivo é refletir sobre como aspectos da perspectiva dialógica contribuem para fundamentar a construção de sentidos nas tiras selecionadas, ou seja, investigar como as relações dialógicas podem ser tomadas como pressupostos para a compreensão/construção de sentidos.

Para isso, analisaremos duas tiras da conhecida Mafalda, que deixaram de ser produzidas na Argentina, em 1973, mas continuam possibilitando reflexões ancoradas nos diversos setores da sociedade por meio das críticas que se constroem nesses enunciados. Postula-se, com isso, que as reflexões “mafaldianas” são atemporais. Em uma entrevista à Télam (Agência Nacional de Notícias Argentinas), em 2014, Quino afirmou que Mafalda continua vigente, pois “la humanidad sigue cometiendo los mismos errores<sup>2</sup>”.

<sup>1</sup> O círculo de Bakhtin foi um grupo composto por intelectuais dos mais diversos campos de atuação. Denominamos com letra maiúscula o Círculo de intelectuais composto por Bakhtin, Medvedev e Volochinov.

<sup>2</sup> “A humanidade segue cometendo os mesmos erros” (Tradução de responsabilidade das autoras do artigo).

Inicialmente, faremos uma breve explanação sobre a Linguística Textual a fim de apresentar a noção de texto que defendemos e que nos permite um estudo da construção de sentidos não apenas pautado no contexto imediato, mas no contexto mediato, que abarca aspectos sócio-histórico-ideológicos em suas análises. Nessa seção sobre a LT, serão focalizadas quatro concepções basilares para este estudo: a noção de texto, contexto, coerência e sujeito.

Em um segundo momento, a investigação trará à baila as relações dialógicas para compreender as críticas alicerçadas nos enunciados presentes nas tiras. Para isso, essas relações, tomadas pelo Círculo de Bakhtin e presentes em propostas como o livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), serão abarcadas através da mobilização de diferentes vozes sociais para a construção de sentidos.

## **1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUÍSTICA TEXTUAL**

A Linguística Textual pode ser considerada uma ciência relativamente jovem, mas com uma agenda de investigação extensa no que se refere ao texto e às suas relações. Inicialmente, destaca-se esse objeto de estudo que surge como uma proposta em contestação aos limites dados pela Linguística formal, representada por uma plêiade de estudiosos formalistas, em que se destacam os estudos de Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky.

Estima-se que a LT surgiu na década de 60 do século XX, na Alemanha, momento em que as teorias formalistas deixavam de responder a uma série de questionamentos dos jovens linguistas textuais. Dentre as questões, segundo Heine et al. (2014), os linguistas questionavam: por qual motivo os formalistas se debruçaram às estruturas linguísticas limitadas unicamente à frase? Por que o sentido provém da imanência do sistema linguístico? Por que eleger como objeto de estudo a *langue*? Além de outros questionamentos que perpassavam os ideais formais.

Embora a LT tenha se fundamentado com uma preocupação em romper com as delimitações dos seus predecessores formalistas, observa-se que nos primeiros momentos mantém relações intrínsecas a eles, sendo as relações transfrásticas o seu escopo de estudo. Parafraseando Koch (2018: 20), nas primeiras fases, denominadas de fase transfrástica e das gramáticas de texto, não é de se admirar que existiam pesquisas que se centravam, prioritariamente, nos estudos da coesão textual, a qual, segundo os estudiosos, englobava também a coerência textual. Nesse sentido, para Petöfi (1976 apud FÁVERO; KOCH, 2008), a coerência foi conceituada como

uma mera propriedade do texto, cujo sentido provinha exclusivamente do cotexto<sup>3</sup> linguístico.

Na fase pragmática da LT tem-se uma mudança no pensamento, pois o texto passa a ser visto como um processo em construção, não mais como um objeto estático no qual se analisam as relações presentes na sua estrutura. Para Haberland e Mey (1977), a pragmática analisa o uso concreto da linguagem com vistas na prática linguística, o estudo do uso linguístico. Essa fase analisa o texto em seu ato efetivo de comunicação, pois considera o sujeito imerso às práticas sociais. Para Heine et al. (2014), esse momento configura uma nova forma de fazer a Linguística Textual (LT), sendo, pois, não mais restrita ao contexto *scriptu sensu*, o mesmo visto nas fases anteriores, mas ao contexto relacionado às situações concretas de comunicação. Entretanto, a fase apresenta lacunas em pontos basilares, como a noção de sujeito, visto como a origem do seu dizer, dotado de uma intencionalidade capaz de agir sobre o outro e modificar o seu pensamento. Além disso, o contexto privilegiado é o imediato, em que se considera o “aqui e agora”. Sendo assim, despreza-se o entorno sócio-histórico. O conceito de coerência, por sua vez, passa por uma reformulação, concebe-se, nesse momento, os fatores de ordem pragmática e contextual. Segundo Koch (2018), é o conceito de coerência cunhado por Charolles (1983), que se fundamenta nesse momento. O autor passa a compreender essa noção como “princípio de interpretabilidade”, o que leva a postular que a coerência não está mais presa à materialidade linguística, mas se fundamenta por meio da interação.

A denominada fase sociocognitiva-interacionista representa uma modificação no fazer científico, pois conceitos até então estabilizados pelas fases antecessoras são repensados à luz das ciências cognitivas. Segundo Koch (2018), foi a partir da década de 80 que os estudos da Linguística Textual passaram a se configurar sob uma nova orientação – a que considera a cognição em seu alicerce teórico. Dessa forma, o estudo sociocognitivo traz à baila as operações de produção cognitiva que são acionadas no momento da interação. Esse momento propõe a concepção de texto como entidade procedural “[...] isto é, estratégias de uso dos vários tipos de conhecimento que temos armazenados na memória” (VAN DIJK;KINTSCH, 1983 apud KOCH, 2003: 45). Ainda segundo os autores, o processamento de um texto se efetiva a partir de estratégias processuais, o

<sup>3</sup> Expressão cunhada nas primeiras fases da Linguística Textual, referindo-se à unidade textual como situada no âmbito da imanência do sistema linguístico, isto é, o texto compreendido como código verbal exclusivamente.



que compreende o acionamento, em diversos níveis, dos conhecimentos alicerçados na mente dos interactantes. Esse momento da LT, segundo Koch (2018: 43), passa a conceber o entorno sócio-histórico-cultural, que está representado na bagagem cognitiva dos indivíduos. Nessa concepção, o texto passa a ser visto como o próprio lugar de interação, por meio do qual os sujeitos se constroem e são construídos. O conceito de coerência também é reformulado; passa-se a concebê-la, nas palavras de Koch (2018), como construída por meio dos processos cognitivos, aqueles operantes na mente dos usuários, “[...] razão pela qual a ausência de elementos coesivos não é, necessariamente, um obstáculo para essa construção” (KOCH, 2018: 55). As contribuições cunhadas na fase sociocognitivista-interacionista deixam marcas perenes nos estudos. Entretanto, o fazer científico continua a dar passos que impelem a revisitação dos seus objetos de estudo.

Heine (2018: 16) afirma que as contribuições bakhtinianas para as ciências do texto e do discurso vêm desde as postulações, em 1994, de Barros (2007). Nesse sentido, o momento denominado por Heine (2008, 2010, 2012, 2014, 2017, 2018) de Fase bakhtiniana da Linguística Textual se finca considerando não apenas aspectos de ordem procedural, tal como a perspectiva sociocognitivista-interacionista, mas abarcando, sobretudo, os aspectos históricos e ideológicos, que não foram tão aprofundados na fase antecessora, especialmente quando se traz esses aspectos inerentes às noções de texto, contexto e coerência. Os avanços postulados pela autora não invalidam o caráter da Fase sociocognitivista, mas, segundo Heine (2017), abrem espaço para novas reflexões no que tange à concepção de texto que, tradicionalmente, parece deixar à margem aspectos imbricados à sua construção, tais como a camada histórico-ideológica e os signos não verbais, historicamente pouco estudados ou subutilizados no âmbito dos estudos linguísticos. Propõe-se uma nova concepção de texto pautada em alguns dos princípios bakhtinianos:

*Evento dialógico, semiótico, falado, escrito, abarcando, pois, não somente o signo verbal, mas também os demais signos no seio social (imagens, sinais, gestos, meneios da cabeça, elementos pictóricos, gráficos etc). Assim compreendido, o texto pode constituir-se da linguagem verbal, ou da linguagem verbo-visual, ou ainda da linguagem não verbal, bem como de aspectos histórico-ideológicos, caracterizados pelo processamento de sentidos inferenciais.*

*(HEINE, 2018, p. 18-19).*

Diante da concepção de texto postulada, faz-se importante ressaltar alguns pontos essenciais. O primeiro deles está relacionado ao fato de, nessa conceituação defendida para o texto, não existir espaço para concebê-lo exclusivamente como código linguístico. O texto não pode ser compreendido apenas no que tange à materialidade linguística. Um argumento para essa consideração se apoia no pensamento do Círculo bakhtiniano “[...] a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc.), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar” (BAKHTIN, 2006: 126). Outra questão de relevância está concernente aos aspectos histórico-ideológicos que, na tradição, foram desconsiderados pelos estudos da LT.

Heine (2016) postula que o foco exclusivo à linguagem verbal leva, por exemplo, à exclusão dos signos não verbais. Dessa forma, a autora propõe que os elementos não verbais podem atuar ao lado dos signos verbais como âncoras textuais, anáforas e até como dêiticos. Assim, a concepção de coerência também é reformulada, não sendo vista, pois, centrada apenas na bagagem procedural, mas também no posicionamento ideológico dos sujeitos:

*Um processo cooperativo, dialógico, que envolve inferência e refração da realidade, tendo em vista conhecimentos enciclopédicos, linguísticos, culturais, partilhados de sujeitos ativos, responsivos, que calculam os sentidos carregados de ideologias, uma vez que estão sempre inseridos em alguma atividade humana.*

(NEIVA, 2015: 46).

Dessa forma, a construção de sentidos não existe aprioristicamente, mas é coroada no seio social. Sob esse olhar, os sentidos não acontecem de modo isolado, por meio de ideias soltas, palavras livres, mas se consagram em forma de gêneros discursivos.

### **1.1 Concepções sobre os gêneros discursivos**

“O estudo dos gêneros não é novo, mas está na moda”. É com esta afirmação que Marcuschi intitula uma das seções do livro *Produção textual, análise de gêneros e compreensão* (2008). Como pondera o pesquisador nessa assertiva, o estudo dos gêneros ganhou o cenário das investigações em áreas que, assim como a Linguística Textual, se mostram interessadas em

compreender as produções humanas, o que torna o estudo “[...] *um empreendimento cada vez mais multidisciplinar*” (MARCUSCHI, 2008: 148).

Embora o termo “gêneros discursivos” tenha sido proposto por Bakhtin, consoante Marcuschi (2008: 147), a expressão possui as suas raízes fincadas na tradição greco-latina, ligada especialmente pelas noções de gêneros literários. Nesse sentido, é com as propostas aristotélicas que o estudo dos gêneros se inicia, sendo subdividido em categorias que têm por base a representação da vida humana. O gênero lírico expressa os sentimentos e emoções; o gênero épico apresenta a temática de figuras mitológicas e lendárias; o gênero dramático, por sua vez, apresenta os conflitos da vida. Distante dessa visão, a proposta bakhtiniana fundamenta-se em uma perspectiva mais discursiva. Os gêneros podem ser considerados múltiplos e infinitos; tal como as relações humanas, eles estão sempre se transmutando, isso porque a sociedade está em constante transformação. O filósofo russo reflete ainda sobre a pluralidade dos gêneros do discurso, ao afirmar que:

*A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.*

(BAKHTIN 1997: 280)

Sendo assim, os gêneros podem ser caracterizados por três aspectos, a saber: conteúdo temático, estilo e construção composicional. No que se refere ao conteúdo temático, tem-se o assunto do gênero, as temáticas centrais debatidas naquele âmbito; o estilo, por sua vez, irá refletir sobre a forma como o gênero se apresenta; já a construção composicional é caracterizada pela forma que o gênero assume, em geral, sendo mais estável. Dessa forma, todos esses elementos estão mutuamente relacionados, não sendo vistos como realidades estanques.

O debate sobre os gêneros discursivos ganha ainda mais destaque nas proposições bakhtinianas, ao refletir que qualquer interação só efetiva por meio dos gêneros, sem eles a comunicação não poderia ser realizada, pois, através dos textos que compõe um determinado gênero, estabilizam-se temáticas de determinados grupos sociais e esferas discursivas. Além disso, os gêneros discursivos nascem no domínio social e se estabilizam para que a comunicação se efetive. Diante disso, postula-se que: “*Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo*



*da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível”* (BAKHTIN, 1997: 302).

Dada a complexidade e importância da temática, Bakhtin (1997) diferencia os gêneros primários (constituídos pela situação comunicativa espontânea) dos gêneros secundários (constituídos pela esfera de comunicação mais complexa). Para o autor, há uma grande relevância social em diferenciá-los devido às relações que eles refletem e refratam na sociedade. Grillo dialoga sobre isso ao afirmar que:

*A importância da relação entre os gêneros primários e os gêneros secundários, enfatizada por Bakhtin no texto dos anos 50, deve-se, pois, ao fato de que um dos projetos do Círculo foi o de reler a teoria da superestrutura marxista, no que diz respeito à mobilidade das ideologias constituídas, operadas pela influência da ideologia do cotidiano ou psicologia social. Bakhtin/Volochinov propõe que as esferas ideológicas (arte, ciência, religião etc.) se formam a partir da ideologia do cotidiano, que, por sua vez, é influenciada pelas ideologias em sentido estrito.*

(GRILLO, 2008: 63)

No que tange à composição dos gêneros discursivos, o pensador russo os define como “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” (BAKHTIN, 1997: 279). Essa relativa “estabilidade”, segundo Heine et al. (2014: 53), deve-se ao caráter maleável e dinâmico que eles assumem, sendo que podem sofrer mutações relativas a depender do grupo social em que estão inseridos. A exemplo, pode-se refletir sobre o gênero e-mail cujas bases estão alicerçadas na composição e estilo da carta, sendo diferenciado dela, sobretudo, devido ao seu aparato tecnológico.

Bakhtin pondera que os secundários incorporam em sua elaboração os gêneros primários, evidenciando a face interacional que essas produções humanas possuem:

*Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. — aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea.*

(BAKHTIN, 1997: 281)



As tiras, nesse viés, podem ser concebidas como gêneros secundários, pois incorporam em seu bojo aspectos da vida cultural, questões históricas, sociais e ideológicas, vistos como uma produção artística que se constitui da linguagem verbal e não verbal. Assim, a partir das reflexões aqui ponderadas, denota-se a relevância do estudo dos gêneros discursivos, pois toda a interação humana é estabelecida por meio deles. As tiras são artefatos da produção cultural de uma sociedade; elas não apenas refletem dados e aspectos sociais, mas refratam de modo a recriar realidades.

## **2 ASPECTOS DO DIALOGISMO E COMPREENSÃO TEXTUAL**

Pautadas na visão bakhtiniana da LT, as relações dialógicas encontram-se como base da compreensão textual. Sendo assim, para a construção de sentidos se pressupõe uma base interacional da linguagem. No que tange às relações dialógicas, tal como propõe o Círculo de Bakhtin, observa-se a linguagem como atividade constitutivamente interativa, em que se concebem as relações de alteridade, nas quais se considera o outro para a construção do eu. De forma análoga, a concepção de língua como local de interação corresponde, segundo Koch (2004: 15-16), à posição ativa dos sujeitos na qual se sublinha uma perspectiva interacional, em que a identidade do sujeito se constitui nessa relação dinâmica com a alteridade.

Sendo assim, pode-se afirmar que, embora exista uma relação de mútua troca no que tange à interação, o dialogismo opera mesmo na ausência física do outro. Isso ocorre, pois os enunciados sempre se constroem em resposta a outros enunciados já dispostos no cenário comunicativo. O diálogo face a face não é condição para o princípio dialógico. Para Bakhtin (1959/1960, p.124 apud FARACO, 2009: 61), que argumenta sobre a questão, “[...] as relações dialógicas, no entanto, não coincidem de modo algum, é claro, com relações entre réplicas do diálogo concreto – elas são muito mais amplas, mais variadas e mais complexas.”

Diante disso, Marcuschi (2008: 77) pontua que a visão sociointerativa tem em seu bojo, no processo interlocutivo, a relação dos indivíduos entre si e com a situação discursiva. O linguista afirma que esses dois processos vão exigir dos escritores/ falantes uma projeção do auditório para quem enuncia. É importante também considerar o posicionamento de Faraco (2009), para quem as relações dialógicas se caracterizam, pelas relações discursivas, pois, para o círculo bakhtiniano, um enunciado está sempre disposto em resposta a outros.

Pode-se compreender essa assertiva quando, por exemplo, o sujeito age de forma a completar, refutar, confirmar ou rejeitar um posicionamento. Nas palavras de Heine et al. (2014, p.56), o sujeito visto sob prisma do dialogismo é constituído por meio de vozes diversas, o que revela a sua identidade social. Contudo, no que se refere à intencionalidade, observa-se que, além da base social, há fios intencionais, assinalando a sua nuance individual. Tal traço individual não deve ser visto como oposição ao social; entretanto, como assinala Faraco, “[...] cada ser humano ocupa um lugar único e insubstituível, na medida em que cada um responde às condições objetivas de modo diferente de qualquer outro ” (FARACO, 2009: 86).

Com isso, observa-se que o sujeito sob o prisma bakhtiniano não é proposto nos moldes do sujeito pragmático dos atos de fala, pois conforme afirma Marcuschi:

*[...] Não somos mais sujeitos cartesianos monolíticos integrais e indivisíveis, que persistem à margem do corpo e dele se desgarram como uma alma que volta para a divindade. Não se nega a individualidade nem a responsabilidade pessoal, mas se afirma que as formas enunciativas e as possibilidades enunciativas não emanam de um indivíduo isolado e sim de um indivíduo numa sociedade e no contexto de uma instituição.*

*(MARCUSCHI, 2008: 67)*

Pode-se compreender, indubitavelmente, o sujeito como clivado em relação à linguagem e à história. Faraco (2009: 86-87) pondera que esse sujeito se relaciona à questão “[...] do singular, do único, do irrepetível, que tem como base uma extensa reflexão sobre a existência concreta do ser humano. ” Desse modo, a enunciação é sempre uma ponte lançada ao outro. Nas palavras de Bakhtin (2006), há sempre um auditório social a quem se reportar, pois a dimensão interativa é inerente à linguagem: “*Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte [...]*” (BAKHTIN, 2006: 115)

A partir do alicerce bakhtiniano, postula-se que os sentidos ocorrem através de uma multiplicidade de vozes “ *[...] a compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como a réplica está para o diálogo* ” (BAKHTIN, 2006: 135). Para o círculo bakhtiniano, a compreensão está carregada da dialogicidade; dessa forma, orienta-se a partir da inter-relação com o outro.

Para Marcuschi (2008, p.237), a compreensão se divide em dois modelos teóricos, a saber: a) compreender é decodificar e b) compreender é inferir. No que tange ao primeiro modelo, recupera-se uma noção de texto como produto homogêneo e pronto, em que se estabelece a figura de um interlocutor passivo frente ao texto, sendo capaz apenas de decifrar, por meio da materialidade, os sentidos contidos nele. Metaforiza-se, com isso, a figura de um arqueólogo frente a um artefato, munido de uma lupa buscando decifrar o objeto e extrair da materialidade as significações que ele pode apresentar. Diante disso, as palavras de Voloshinov (apud FARACO, 2009: 74) coadunam para refletir sobre a questão: “ [...] o processo de compreensão não podia ser entendido como passivo, como mera decodificação de uma mensagem. A compreensão é um processo ativo [...]”.

No que tange ao segundo modelo, é retomada uma noção de língua por meio de uma visão sociointeracional, sendo, pois, os sentidos construídos por meio da interação.

Pode-se compreender, a partir das assertivas do Círculo, a multiplicidade de sentidos no tocante ao enunciado, em que em si mesmo é neutro, mas em contato com o social se reveste de significações. Para Bakhtin (1977 apud HEINE et al., 2014: 51), as palavras são tecidas a partir de uma multiplicidade de fios ideológicos que emergem dos diversos campos da atividade humana. Dessa forma, na instância dialógica, são carregados de valores sociais.

Reflete-se, desse modo, sobre a noção de ideologia difundida por Bakhtin. Faraco (2009) define-a como uma palavra “maldita”, devido às inúmeras significações que ela pode veicular. Portanto, todo enunciado, para o Círculo, é sempre prenhe de valores; não há enunciado neutro, segundo essa concepção, pois até as posições ditas “neutras” já se encontram carregadas de valores axiológicos.

A partir da referida base bakhtiniana, pode-se conceber a coerência como atividade de compreensão e construção de sentidos. A coerência, conforme postula Marcuschi (2008), é uma construção de sentidos que se manifesta entre os enunciados. Ampliando essa visão, tem-se que a coerência se alicerça sob um olhar que transcende os limites da materialidade linguística, ou seja, as relações de sentidos não podem ser vistas presas ao código verbal. O autor ainda argumenta que “ [...] a coerência não é uma propriedade empírica do texto em si (não se pode apontar para a coerência, mas ela é um trabalho do leitor sobre as possibilidades interpretativas do texto [...])” (MARCUSCHI, 2008: 122).

De acordo com Bakhtin (1997: 16 apud HEINE et al., 2014: 49), “ a enunciação não existe fora de um contexto social [...]”, o que impele considerar a



construção de sentidos alicerçada em uma base social e, eminentemente ideológica, marcada por uma teia de sentido; observa-se, assim, que não se pode conceber a coerência dissociada de tal fundamentação.

Posto isso, Marcuschi (2008) ainda defende que a coerência não depende da mobilização de um sujeito individual. Esse pensamento remete à perspectiva de Bakhtin e seu Círculo interpretados por Heine et al. (2014, p. 56), ao afirmarem que o sujeito dialógico se constitui a partir de uma multiplicidade de vozes que o alicerça como histórico e ideológico, pois, conforme pontua Faraco (2009: 66), “as relações dialógicas são, portanto, relações entre índices sociais de valor [...]”

Diante dessa perspectiva, em um enunciado como o discurso do Presidente Jair Messias Bolsonaro à 75<sup>a</sup> Assembleia Geral<sup>4</sup> das Nações Unidas (ONU), em que o político enuncia: “Como aconteceu em grande parte do mundo, parcela da imprensa brasileira também politizou o vírus, disseminando o pânico entre a população sob o lema ‘**fique em casa**’ e a ‘**economia a gente vê depois**’” [...]. Pontua-se, em primeira instância, o contexto sócio-histórico sob o qual este enunciado emerge, a Pandemia da COVID -19, período histórico marcado por uma crise na saúde pública, o que provocou diversas mortes e gerou grande instabilidade econômica no ano de 2020. Além disso, observa-se que a construção de sentidos perpassa à materialidade linguística, mas não fica presente somente a ela. Houve uma grande campanha, para que a transmissão do vírus fosse mitigada. Essa proposta foi veiculada nas redes sociais e grandes mídias; o objetivo residia em evitar o contágio e aglomeração de pessoas, a fim de que o vírus não fosse transmitido. Para isso, um dos lemas da campanha foi “fique em casa”. Desse modo, o presidente Jair Bolsonaro, sob a análise do sujeito nos moldes bakhtinianos, isto é, de “carne e osso”, dotado de responsividade em suas ações, profere esse enunciado ao discurso, mas não o enuncia com as mesmas intenções das divulgações feitas inicialmente. Para Bakhtin, o enunciado é um ato singular, único e irrepetível, em que se encontra o germe da resposta, pois em uma enunciação sempre está disposta uma relação intrínseca com o social, como em um constante diálogo. Nesses termos, é possível refletir que:

*No processo contínuo de produção de sentidos, cada diálogo recria sentidos criados por outros diálogos, assim como antecipa diálogos ainda inexistentes, inserindo-os em redes de interlocução mediante recursos expressivos que a ressignificação instaura.*

*(SOBRAL; GIACOMELLI, 2018: 321).*

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=821wal-DuEA>. Acesso em: 26 out. 2020



A enunciação do político estava carregada ideologicamente deixando transparecer traços de ironia ao retomar o enunciado “fique em casa”. Considerando essa base bakhtiniana, há uma “resposta” por meio do pronunciamento do Presidente, visto que os enunciados são respostas, confirmações, recusas e contestações a outros enunciados. Pode-se compreender, desse modo, que o enunciado nunca é apenas um reflexo de uma realidade, mas a refrata, ou seja, a recria por meio da multiplicidade de valores que a atividade humana está imbricada. Fica explícita tal assertiva por meio da fala do presidente ao discursar, recriando valores, sentidos que se performam na cena discursiva. Faraco (2009: 50-51, grifo nosso) assevera de tal modo que “[...] refratar significa, aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos [...]”.

### **3 PROPOSTA DE ANÁLISE**

A proposta de análise que se segue busca relacionar, por meio de uma abordagem qualitativa e de cunho bibliográfico, aspectos dialógicos inerentes à linguagem para a construção de sentidos. As críticas expressas nos discursos de Mafalda e sua turma se desvelam por meio de vozes sociais que emergem através da enunciação, a qual não se restringe às críticas construídas por meio do código verbal, mas também através dos gestos, expressões faciais, meneios de cabeça, etc.

Para que a compreensão seja coroada, mobiliza-se uma série de conhecimentos que estão, por um lado, relacionados à cognição e, por outro, ligados ao contexto sócio-histórico-ideológico. Desse modo, faz-se mister compreender o contexto de produção dos textos.

As tiras de Mafalda foram difundidas de 1964 a 1973, sendo a primeira publicação na revista Primeira Plana, em um período em que a Argentina e outros países da América Latina foram acometidos por sucessivos golpes militares e conseqüente instauração de uma ditadura militar. Mafalda é uma menina de seis anos, mas que se consagra como um adulto politizado através de críticas que conseguem ser replicadas a muitas realidades sociais e países distintos, o que a torna popular e atemporal. Tais reflexões sobre a personagem podem ser analisadas em tiras como a do exemplo que se segue:



**Figura 1:** Brincando de Governo (Quino. Toda Mafalda, 2013, p.207)

A partir do exemplo (1), podem-se fazer previsões a fim de buscar a construção de sentidos por meio do enunciado. Inicialmente, destaca-se o questionamento da mãe de Mafalda ao indagar sobre o tipo de brincadeira das crianças. Em seguida, o coro responde de forma uníssona e com entusiasmo sobre o tipo de brincadeira: “Governo”, sem dúvidas sobre o que estão fazendo. No segundo quadrinho, a mãe de Mafalda faz uma orientação comum dos pais ao se reportarem aos filhos, orientando-os para não fazer bagunça; ressalta-se o dedo da mãe de Mafalda apontando para a filha como um gesto autoritário, ordenando que a filha e os amigos obedeçam à sua ordem. Diante disso, não é possível tomar essa ação como um gesto simples, desvinculado de questões históricas e sociais da construção deste texto. Toma-se, com isso, o contexto mediato que abarca os aspectos históricos, sociais e ideológicos, evocado por um período histórico marcado pelo autoritarismo governamental. Em outras tiras, Quino traz à baila a representação do dedo indicador como um importante “membro” atuante nas relações sociais. O cartunista destaca a relação entre patrão x empregado, pais x filhos e professor x aluno. Sendo assim, o dedo indicador também evoca a dialogicidade presente nos enunciados, pois essa ação oferece margem para questionamentos e réplicas advindos do período histórico de vinculação das tiras (o golpe militar argentino – 1966 – 1973). O gesto da mãe ao apontar está prenhe ideologicamente, pois ecoa a figura do Estado autoritário, o ato de impor, repreender e, sobretudo, controlar a população. A ordem imposta por Raquel (mãe de Mafalda) está carregada ideologicamente, pois dialoga com o período histórico em que eles estão vivendo, de controle, de docilização da conduta dos indivíduos.

Além disso, é possível observar a expressão de Mafalda para o dedo da mãe, como se questionasse aquela postura imperativa. Desse modo, os sentidos construídos a partir da leitura dessa tira pressupõem a atitude de

sujeitos dialógicos inseridos em atividades comunicativas e políticas na sociedade. Quando Mafalda responde à mãe dizendo que eles não farão “ABSOLUTAMENTE NADA”, há uma resposta relacionada a uma crítica comumente atribuída ao governo, a qual é difundida sobre a inoperância dos governantes em gerir a sociedade. A atitude é retomada, pois é postulada a figura de um sujeito responsivo, que calcula os sentidos e se posiciona para construir a sua fala, assim como demonstrado em Mafalda, Felipe e Manolito. É um conhecimento partilhado que os governos negligenciam a atuação relacionada aos diversos campos da sociedade, tais como: saúde, educação, segurança, transporte, alimentação, moradia, dentre outros, algo que não é realidade apenas da Argentina, mas de países da América Latina em geral.

Explicita-se o destaque em negrito e letras maiores dadas à fala de Mafalda, o que demonstra uma postura crítica desse sujeito frente à indagação de sua mãe, evidenciado em todos os elementos composicionais da tira a elaboração de uma crítica sobre a postura governamental. Há um consenso de que o governo não atua para administrar de forma eficiente os campos da sociedade citados acima, ou seja, demonstra uma ação negligente com o social. Isso é retomado a partir do que se observa socialmente na falta de incentivo à educação, na precariedade da saúde, na inoperância na segurança, dentre outras experiências sociais sobre a atuação governamental. É justamente essa postura retomada por Mafalda e seus amigos na brincadeira de governo, pois há a ação corpórea jogada sobre a mesa denotando uma falta de interesse em agir ; tal ação reflete e refrata o que se propõe do governo, está refletindo o que se concebe sobre essa instituição de poder, mas também está recriando à sua própria maneira uma crítica social. Felipe e Manolito aparentam até dormir, demonstrando total desleixo com a brincadeira, tal como o governo é constantemente categorizado pela sociedade. Nessa atitude, coadunam reflexões que sugerem a insuficiência do Governo.

Por fim, observa-se a mãe de Mafalda em silêncio para o que ocorre, ela é representada sem a boca, ao final. O silêncio também é uma forma de enunciar, pois demarca o posicionamento ideológico do sujeito. Tal construção demonstra o silêncio da sociedade frente às ações do governo, uma postura de indivíduos que não se manifestam e não enfrentam, pois foram silenciados. O silenciamento é compreendido dialogicamente também. Embora essa ação seja tomada como única e irrepetível na tira, está marcada pelo discurso de outrem, porque há a crítica velada de que em períodos como a Ditadura, os indivíduos tinham que se calar diante dos horrores à

sociedade ; agir de forma responsiva seria se rebelar, algo inaceitável. Com isso, a postura de Raquel é a de não confrontar, mas a de ocultar um embate sobre o seu posicionamento sobre a atuação do governo.

Assim, tais previsões refutam qualquer concepção monológica sobre a linguagem, pois, tal como propõe Bakhtin (1977 : 16), “a enunciação não existe fora de um contexto social. "Por sua vez, Bakhtin, em *Estética da Criação verbal* (p. 334), afirma que "O ato humano é um texto potencial e não pode ser compreendido (na qualidade de ato humano distinto da ação física) fora do contexto dialógico de seu tempo (em que figura como réplica, posição de sentido, sistema de motivação)." (BAKHTIN, 1997 : 334).

Pode-se compreender, a partir das assertivas do Círculo, a multiplicidade de sentidos no tocante ao enunciado, em que em si mesmo é neutro, mas em contato com o social se reveste de significações. Para Bakhtin (1977), as palavras são tecidas a partir de uma multiplicidade de fios ideológicos que emergem dos diversos campos da atividade humana, dessa forma, na instância dialógica, são carregados de valores sociais. Ainda segundo o autor, a compreensão pode ser vista sob a seguinte ponto de vista:

*[...] é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor a palavra do locutor uma contrapalavra. Só na compreensão de uma língua estrangeira é que se procura encontrar para cada palavra uma palavra equivalente na própria língua. É por isso que não tem sentido dizer que a significação pertence a uma palavra enquanto tal. Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva.*

*(BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006 : 135)*

É possível, desse modo, ainda refletir sobre tais proposições no exemplo da tira abaixo, em que seguem embates semelhantes:





**Figura 2:** Divisões (Quino. Toda Mafalda, 2013, p.6)

Na tira da figura 2, pode-se destacar a figura de Mafalda e sua colega, em primeiro plano, conversando sobre a aula do dia anterior. Destaca-se o quadro, ao fundo, fazendo referência à aula cujo conteúdo versava sobre as divisões matemáticas, temática comum de uma escola tradicional. Salienta-se o termo “divisões”, que é recuperado pela colega de Mafalda, anaforicamente por uma elipse “[...] as que a professora passou ontem [...]” (no primeiro quadrinho). Além disso, há diferentes sentidos para a expressão “divisões”, pois no último quadrinho, o termo é recriado ocorrendo o “desfecho inesperado”.

O gênero tiras recorre ao humor para realizar críticas a aspectos vividos em sociedade. Nas postulações de Bakhtin; Volochinov (2006), as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos, o que evidencia os múltiplos sentidos recriados na instância dialógica.

Tem-se, assim, que a expressão “divisões” não é vista apenas no seu sentido *strictu*, ou seja, aquele ligado às atividades matemáticas. Para Bakhtin (2006: 16) “Todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais [...]”. Para o filósofo, a ideia expõe a ausência de neutralidade dos enunciados, pois os signos estão sempre prenhes de valores axiológicos. Sendo assim, o signo “divisões” se impregna de fios ideológicos por meio da interação que se estabelece; é na interação, por meio de uma mobilização social, que os sentidos são construídos.

Na tira, a professora está alerta ao que Mafalda conversa com a colega e acaba por repreendê-la com certo autoritarismo, evidenciando outras vozes que são evocadas nessa atitude, dentre elas, a voz de uma escola tradicional e retrógrada da década de 60, controlada pela figura de um governo autoritário e golpista. Recorre-se, então, aos “já ditos” sobre governos militares com posturas de repressão e alienação. Além disso, esse “já dito” está imbricado a um conhecimento partilhado, acessado por meio da

bagagem cognitiva, que contribui para a compreensão da crítica realizada por Mafalda. A escola tradicional, geralmente, é alvo de críticas por parte da população. Geralmente, quem vivenciou o período escolar entre as décadas de 60 e 70 tem alguma lembrança de castigos, humilhações e repressão que sofria no contexto escolar. A professora era a “mãe”; por isso, poderia aplicar castigos, repreender e até usar de violência, se necessário. A palmatória reflete bem essas memórias.

Sendo assim, o contexto de criação das tiras remonta um momento do golpe militar argentino (1966-1973), período que coincide com uma época de opressão em países latino-americanos. Tal postura fica expressa pelas palavras da professora “não devia, Mafalda; devia pedir para eu explicar”. Um discurso significativo que reforça não só o autoritarismo da figura do professor e do período em que se encontra a veiculação desta tira, mas também um ensino em que o aluno não pode propor, pois o professor é o detentor de todo o conhecimento, não há espaço para as indagações dos estudantes.

Ainda na perspectiva dos gestos, nos quadrinhos subsequentes (dois e três), Mafalda olha para a professora com desprezo, medindo-a com a cabeça, como se ela não fosse capaz de debater sobre o assunto; então, justifica no último quadrinho a que tipo de divisões ela se referia. Por fim, Mafalda evidencia que o tema sugerido por ela não é um assunto que a escola teria a capacidade de discutir, pois no currículo escolar não há espaço para debates sobre temas políticos. Sob esse olhar, a expressão facial da professora demonstra a incapacidade de debater temáticas como essas que evocam reflexão sobre a sociedade e os problemas relacionados a ela. Assim, a construção de sentidos se dá tendo em vista não apenas os elementos situados na materialidade linguística, como evidenciado por meio das escolhas lexicais realizadas, mas se amplia para os signos não verbais, as significações que, no evento dialógico, revestem-se de múltiplas significações.

Com isso, fazemos uma análise desses elementos evocando um olhar para o semiótico. Preferimos aqui adotar um entendimento de gesto como aquele proposto por Cadoz (1994, apud MCCLEARY; VIOTTI, 2017: 173), que considera o gesto um dos canais de comunicação, ao lado da voz, da audição e da visão, cada um caracterizado por diferentes especificidades. Além disso, tais gestos, como o dedo e as expressões faciais, demarcam posturas ideológicas dos sujeitos, o que contribui para a compreensão desse texto, observando que a crítica realizada por Mafalda perpassa a materialidade, mas não fica estagnada nela. Diante disso, não há espaço para conceber o texto como *cotexto*, mas como evento *dialógico*, pois os sentidos são elaborados

por meio da interação entre sujeitos responsivos e através dos fatores contextuais, os quais envolvem a relação entre os sujeitos inseridos na enunciação.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Assim, as reflexões propostas não tiveram como intenção esgotar o assunto debatido, mas buscaram realizar breves reflexões de uma temática muito ampla relacionada à perspectiva dialógica-textual. Sob esta ótica, refletiu-se que a construção de sentidos não se atém, portanto, aos elementos linguísticos enquanto materialidade, mas se volta, também, aos fatores semióticos, aos aspectos sócio-históricos-ideológicos que envolvem as diversas linguagens do seio social. Desse modo, justifica-se as análises propostas, em que se tomou os enunciados, a partir da atuação de sujeitos responsivos, ou seja, ativos no ato dialógico que é a linguagem. Tal como proposto por Brait (2005), busca-se compreender que a linguagem não é falada no vazio, mas em situações concretas em momentos históricos e sociais. A partir da análise das tiras de Mafalda, tais perspectivas podem ser alicerçadas nesse estudo, em que não se postulou uma análise monológica para os textos, mas uma investigação em que as relações dialógicas, por meio das vozes sociais e históricas evocadas se fazem presentes.

Por fim, o estudo buscou descortinar algumas concepções sob os objetos de estudo da LT, tais como a noção de texto e coerência textual. Tomando as contribuições bakhtinianas, pôde-se apontar para os avanços em olhar para a linguagem não verbal e contexto mediato como constitutivos ao texto, sendo, pois, evocados na construção de sentidos. Com isso, esses passos possibilitam um rompimento de concepções textuais imanentistas, conseqüentemente, contribuindo modestamente para reflexões sobre o ensino de gêneros multimodais como as tiras.

#### **Referências**

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. [VOLOCHÍNOV, V. N]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].



BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. São Paulo: UNICAMP, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

FÁVERO, L. L; KOCH, I. G. V. *Linguística textual: introdução*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Gêneros primários e gêneros secundários no círculo de Bakhtin: implicações para a divulgação científica. *Alfa*, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 63, 2008. Disponível em: < <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1467/1172> >.

HEINE, Lícia Maria Bahia. A Anáfora semiotizada no texto enquanto evento dialógico. In: SANTOS, Elmo. (Org). *Discursos e poderes: linguagem, teorias e análises*.

HEINE et. al. *O texto no livro didático: reflexões e sugestões*. Salvador: EDUFBA, 2014. Salvador: EDUFBA, 2018b. P. 191 – 210.

HEINE, Lícia [et al.]. O texto em discussão: reflexões sobre uma nova fase na Linguística Textual. In: HEINE, Lícia [et al.]. *Inquietações do texto e do discurso: interpelações, debates e embates*. Salvador: EDUFBA, 2018a. p. 18-19.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2º Ed. – São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística textual*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). 2018. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto.



MEY, Jacob.; HABERLAND, H. *Editorial: Linguistics and Pragmatics*. Journal of Pragmatics, v.1, p.1-12, 1977.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E. *Fundamentos para uma semiótica de corpos em ação*. In FIORIN, J. L. (Org.), *Novos caminhos da linguística*. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2017

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística*. v 1. São Paulo: Cortez, 2001.

NEIVA, Nordélia Costa. *Relações dialógicas como aspectos relevantes da coerência textual*. In: HEINE, Lícia Maria Bahia; NERY, Marta Maria de Almeida (Org.), *O texto sob olhares: ampliando conceitos e atualizando pesquisas*. Curitiba: CRV, 2016

PINTO, J. P. *Pragmática*. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.  
QUINO, J. L. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

RAMOS, P. *Estratégias de referenciação em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas*. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n. 3, set./dez. 2012.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. *Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma análise dialógica*. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 18, n. 2, p. 307-322, maio/ago. 2018.

*Submetido em: 17/01/2021*

*Aceito: 15/02/2021*